



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

SÉRGIO SOARES MESQUITA

MUDANÇA LINGUÍSTICA: UMA ANÁLISE DE ITENS LEXICAIS EM LETRAS DE
MÚSICAS BRASILEIRAS

SÉRGIO SOARES MESQUITA

**MUDANÇA LINGUÍSTICA: UMA ANÁLISE DE ITENS LEXICAIS EM LETRAS DE
MÚSICAS BRASILEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Portuguesa. Orientador: Prof. Dr. Robson Borges Rua.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

M578m Mesquita, Sergio Soares.
Mudança linguística: : uma análise de itens lexicais em letras de
músicas brasileiras / Sergio Soares Mesquita. — 2023.
20 f. : il.

Orientador(a): Prof. Dr. Robson Borges Rua
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2023.

1. Variação linguística. 2. Música. 3. Funcionalismo. I.
Título.

CDD 410

SÉRGIO SOARES MESQUITA

**MUDANÇA LINGUÍSTICA: UMA ANÁLISE DE ITENS LEXICAIS EM LETRAS DE
MÚSICAS BRASILEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Portuguesa. Orientador: Prof. Dr. Robson Borges Rua.

BANCA EXAMINADORA:

Abaetetuba, 10, agosto, 2023.

Prof. Dr. Robson Borges Rua (Presidente)

Prof.

Prof.

Prof.

MUDANÇA LINGUÍSTICA: UMA ANÁLISE DE ITENS LEXICAIS EM LETRAS DE MÚSICAS BRASILEIRAS

Sérgio Soares Mesquita¹

Resumo:

Partindo do pressuposto de que a música se constitui uma importante forma de comunicação e expressão do pensamento humano e que carrega consigo uma enorme carga histórico-cultural, de identidade e que perpassa por toda a existência humana, acompanhando o desenvolvimento tecnológico, o presente trabalho tem por objetivo apresentar de que forma essas mudanças ocorridas na língua são incorporadas nas letras das canções, dando ênfase a termos que se apresentam no meio digital, em especial nas mídias sociais; uma vez que esse gênero discursivo música se apropria das mudanças linguísticas ocorridas na língua, ou seja, as composições musicais absorvem o que está em uso pelos falantes.

Palavras-chave: Variação Linguística. Música. Funcionalismo

Abstract:

Starting from the assumption that music is an important form of communication and expression of human thought and that it carries with it an enormous historical-cultural load, of identity and that permeates throughout human existence, accompanying technological development, the present work aims to present how these changes occurred in the language are incorporated in the lyrics of songs, emphasizing terms that are presented in the digital environment, especially in social media; Since this discursive genre of music appropriates the linguistic changes that have occurred in the language, that is, the musical compositions absorb what is in use by the speakers.

Keywords: Linguistic Variation. Music. Functionalism

1. Introdução

A língua está em constante transformação. As teorias funcionalistas se debruçam sobre essas transformações, com o intuito de verificar como e porque ocorrem. Os teóricos dessa vertente observam a língua do ponto de vista funcional, ou seja, por que os falantes estão utilizando determinados termos, criando outros ou ressemantizando termos já existentes na língua.

Muitas dessas transformações são percebidas nas composições musicais. Os compositores estão em busca de se fazerem ser entendidos de forma clara e objetiva, ou

¹ Graduando em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará
E-mail: sergio.mesquita@abaetetuba.ufpa.br

até mesmo criar trocadilhos para tornar a música engraçada. Para isso, eles utilizam a capacidade cognitiva da analogia (GIVÓN, 1995).

Diante disso, o objetivo desse artigo é apresentar como a variação linguística pode ser percebida nas letras de canções nacionais, e como os meios tecnológicos influenciam essa variação. Também analisaremos como os falantes do português se valem de características cognitivas, tal como a analogia para criar novos termos ou dar significados novos a termos já existentes.

2. Aporte teórico

Sabemos que, ao longo da evolução humana, os seres humanos sempre buscaram formas mais efetivas para se comunicarem. Para embasarmos essa pesquisa, debruçamos nos sobre os estudos linguísticos de Bybee (2010), Neves (1997, 2011). As autoras, se dedicam aos estudos da funcionalidade da língua, é o que chamamos de “Linguística funcional baseada no uso”. Essa vertente da Linguística preocupa-se em observar e descrever as manifestações linguísticas em seus usos menos monitorados.

A linguística funcionalista tem por base o princípio de que funções externas à linguagem exercem influências na estrutura gramatical das línguas (VOTRE; NARO, 1996). Logo, a língua sofre alterações à medida que os falantes se valem da capacidade cognitiva para tornar a comunicação mais simples. Bybee (2010) utiliza a metáfora das dunas para fazer essa relação entre a língua e o falante. A língua sofre uma pressão externa advinda das pessoas que fazem uso dela, tal como as dunas sofrem pressão da atmosfera e se modificam.

Neves (1997) afirma que definir o funcionalismo não é tarefa fácil, uma vez que “os rótulos que se conferem aos estudos ditos ‘funcionalistas’ geralmente se ligam diretamente aos nomes dos estudiosos que os desenvolveram, não a características definidoras da corrente teórica [...]” (NEVES, 1997, p. 1)

No entanto, Neves (1997) enfatiza que, embora haja muitas distinções entre os vários modelos existentes dentro da corrente funcionalista, “há que se destacar uma série de similaridades que unem os modelos e caracterizam, afinal, a visão funcionalista da linguagem.” Ou seja, apesar das diferenças entre as variáveis dentro do funcionalismo, é possível encontrar um denominador comum dentre as diferentes proposições existentes. Sendo assim, é possível a caracterização básica da teoria funcionalista da linguagem.

Para o linguista funcionalista francês Martinet, um bom modo de sintetizar a teoria funcionalista é determinar o modo pelo qual as pessoas se comunicam através da língua. Ainda Martinet, o que “deve constantemente guiar o linguista” é a “competência comunicativa”, uma vez que “toda língua se impõe (...) tanto em seu funcionamento como em sua evolução, como um instrumento de comunicação da experiência”. Experiência pode ser entendida como “tudo o que [o homem] sente, o que ele percebe o que ele compreende em todos os momentos de sua vida”. (MARTINET, 1994, p. 14 *apud* NEVES, 1997, p. 2).

Em outras palavras, segundo Martins (2009),

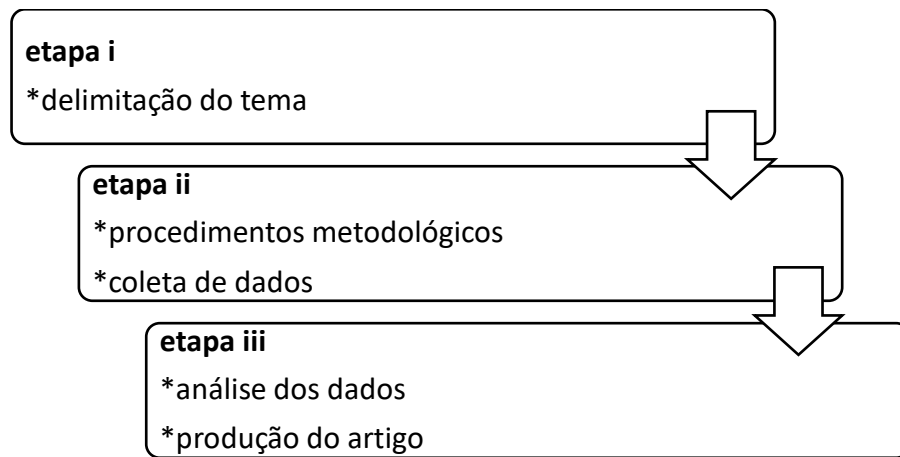
a abordagem funcional tem como principal questão a verificação dessa competência comunicativa dos usuários da língua, uma vez que as estruturas das expressões linguísticas são vistas como configurações de funções, observáveis em seus usos. (MARTINS, 2009, p. 22).

Reiteramos que a abordagem funcionalista está mais preocupada em descrever os fenômenos linguísticos, como e por que ocorrem, do que em prescrever como as pessoas devem ou não se manifestar por meio da língua.

3. Procedimentos metodológicos

Toda pesquisa científica tem por objetivo trazer à luz alguma inquietação do pesquisador acerca de determinado assunto. Essas inquietações surgem a partir da observação de algum fenômeno de quaisquer que sejam a natureza. Então o cientista começa a traçar as rotas para chegar aos resultados, sejam eles conclusivos ou não.

Desse modo, para que a pesquisa tenha caráter científico se faz necessário a adoção de alguns procedimentos metodológicos para se chegar aos resultados. Diante disso, esta pesquisa se deu basicamente por três etapas, de acordo com o esquema representado a seguir.

Figura 1 - Fases da pesquisa

Fonte: própria

Como observado no esquema acima (figura 1), a primeira etapa dessa pesquisa foi a delimitação do tema. Esse momento é importante para que soubéssemos o que estávamos procurando e quais resultados poderíamos ou desejávamos encontrar.

Em seguida, na etapa ii, procuramos desenvolver procedimentos metodológicos para que pudéssemos desenvolver a pesquisa de forma assertiva. Na sequência, avançamos para a coleta dos dados. E por fim, na etapa iii, realizamos a análise dos dados para então dar início à escrita do artigo.

Essa pesquisa foi motivada pela observação de que a música, como meio de manifestação do pensamento, da cultura e demais seguimentos sociais, acompanha os avanços tecnológicos, tanto na sua forma de produção, reprodução, veiculação, etc. Dessa feita, gostaríamos de verificar as variações linguísticas ocorridas nas composições musicais brasileiras, sob a ótica funcionalista.

A teoria funcionalista observa a língua em uso e como os falantes fazem adaptações a todo instante para se comunicar de forma efetiva. A corrente funcionalista descreve a língua do ponto de vista da evolução linguística. Desse modo, encontramos na música uma excelente fonte de captação de dados para analisarmos as variações ocorridas na língua, com ênfase no avanço tecnológico e por conseguinte nos meios digitais.

Não encontramos pesquisas dessa natureza, por esse motivo, decidimos avançar com essa linha de pesquisa a fim de aprofundar os estudos na área da variação linguística, com ênfase na música e tecnologia.

Portanto, como já dizia Gil (2002 p. 18), “[...] a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados.”. Diante disso, elencamos aspectos para embasar nossa pesquisa, tais como: a) a pergunta/problemas; b) objetivo geral; c) objetivos específicos.

- a) Pergunta/problema: ainda citando Gil (2002 p. 18) “a pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema”. desse modo, formulamos a seguinte pergunta/problema: de que forma a música brasileira assimila itens lexicais em suas composições?
- b) Objetivo geral: essa pesquisa tem como objetivo geral apresentar as mudanças ocorridas na língua e como essas são incorporadas às letras das canções, com ênfase nas composições que tenham relação com os meios digitais.
- c) Objetivos específicos: para que se tenha êxito na pesquisa científica é necessário seguir alguns passos para alcançar o que se pretende, desse modo é necessário que saibamos onde queremos chegar. Sendo assim, é necessário que definamos os nossos objetivos enquanto pesquisadores, a fim de chegarmos aos resultados pretendidos. Portanto, definidos quatro objetivos específicos para guiar nossa pesquisa, os quais são descritos abaixo.
 - i. apresentar variações linguísticas de uma mesma palavra;
 - ii. descrever neologismos no português brasileiro presente nas letras das canções;
 - iii. identificar importações, empréstimos e aportuguesamento de itens lexicais oriundos de outras línguas, principalmente do inglês.
 - iv. Comentar sobre o processo de ressemantização de itens lexicais do português brasileiro.

Em vista disso, realizamos uma pesquisa empírica, de caráter exploratório/qualitativo/bibliográfico, a fim de construir novos conhecimentos acerca da variação linguística, sob a ótica da teoria funcionalista. Para a obtenção dos dados analisados, realizamos pesquisas em sites especializados em letras de músicas, tais como o Letras, Vagalume; redes sociais, tal como o *Instagram*, YouTube.

Em relação aos dados coletados para compor o *corpus* deste trabalho, iniciamos as pesquisas e a coleta dos dados no mês de novembro do ano de 2022 e finalizamos no mês de abril de 2023. A motivação para a realização dessa pesquisa foi a nossa grande afeição pela música, tendo em vista que “viajamos” enquanto as ouvimos e costumamos

observar com bastante atenção o que se pode extrair de linguagem utilizada pelos compositores.

Como já foi dito anteriormente, a música é uma das inúmeras formas de manifestação do pensamento humano, é um objeto cultural, de entretenimento, manifestações políticas e sociais, entre outros. Desse modo, é possível o pesquisador observar inúmeras vertentes a serem pesquisadas. Há muito o que se extrair das músicas enquanto objeto de pesquisa.

4. Análise de dados

Na presente seção, será realizada uma análise da estrutura gramatical da língua, a qual é moldada por pressões externas, tal como propõe a estudiosa inglesa Joan Bybee, de cunho funcionalista, em seu estudo acerca da metáfora das dunas. Logo, ressalta-se mais uma vez que a língua é uma estrutura maleável.

A considerar a modelagem da língua, parte-se do argumento de que a motivação para a mudança lexical na língua toma como base o avanço tecnológico, o qual proporcionou a criação de novas ferramentas tecnológicas, ocasionando uma expansão do processo de interação e, possibilitando assim, o surgimento de gêneros emergentes (MARCUSCHI, 2008).

Contudo, nota-se que não houve apenas a expansão para novas ferramentas tecnológicas, mas também a inserção de novos itens lexicais que são formados a partir de uma relação direta com as ferramentas tecnológicas. Nesse sentido, algumas letras de música da atualidade refletem de forma direta a mudança de itens lexicais, motivadas pelo avanço das tecnologias, tal como ilustra o dado a seguir:

Dado 01 - Instagrada

(...) No Instagram, ela é top na balada
Pessoalmente ela é toda instagrada
Denuncia que esse perfil dela é fake
É enganação, paga de gatinha, mas né isso não (...)

No trecho da canção “É fake”, interpretada pelos cantores sertanejos Henrique e Juliano, destacamos o termo *Instagrada*. Esse termo está diretamente relacionado à rede

social Instagram², citado no primeiro verso destacado, e faz alusão às diversas possibilidades de manipulação das características físicas por meio dos chamados “filtros”.

Embasados nos estudos de Givón (1995), a motivação pela qual criou-se o termo *instagrada* é a necessidade expressiva do falante, o qual recorre à habilidade cognitiva intitulada analogia para ressignificar termos na língua. Nesse sentido, o termo em questão, apresenta uma relação analógica, apoiando-se nos níveis gramaticais fonológico e morfológico, por relacionar tanto a pronúncia quanto a estrutura da palavra *instagrada* com as palavras *montada*, *arrumada*, *enfeitada* e *maquiada*.

O termo *instagrada* faz alusão ao ato de utilizar efeitos fotogênicos no aplicativo para smartphones/rede social Instagram, a fim de parecer mais belo³ para a audiência, ou seja, os seguidores. Contudo, na perspectiva de uso da língua, pode-se também realizar uma inferência pragmática, em que o termo, em análise, assume um valor pejorativo, uma vez que modifica a verdadeira face da pessoa referida na letra da canção.

Para sustentarmos nosso ponto de vista, recorreremos aos dois primeiros versos do dado (01) “No Instagram, ela é top na balada / pessoalmente ela é toda instagrada”, em que o termo estabelece uma crítica, no sentido de informar que a pessoa seja destituída de beleza natural. Portanto, o termo também faz alusão ao adjetivo, pejorativo, estragada.

Imagine que ao invés de utilizar o adjetivo *instagrada* o compositor utilizasse *montada* ou *cheia de efeitos*. Será que esses dois termos similares seriam de fácil assimilação por parte do interlocutor? Provavelmente não. O termo *instagrada* possui uma carga semântica (SANDMANN, 1992) que faz referência ao aplicativo/rede social Instagram e a todas as possibilidades de modificações disponíveis na plataforma. Portanto, torna-se mais fácil a compreensão da intenção do compositor, uma vez que *montada* trás o conceito de algo mais real, físico, que precisa ser feito passo a passo, que demanda tempo, em contraposição ao ato *instagnar-se*, que pode ser feito de maneira virtual, demandando apenas a utilização de um *smartphone*, o aplicativo Instagram e os filtros disponíveis na ferramenta.

Para reforçar nossa análise, ainda com base no trecho destacado da canção, damos destaque aos dois últimos versos do dado (01) “Denuncia que esse perfil dela é

² Os criadores do Instagram também usaram o diferencial oferecido pelo app para buscar inspiração para o nome. “Insta” vem de “Instant Camera”, que significa câmera instantânea, em livre tradução. Já “Gram” foi tirado de “telegram”, ou seja, telegrama — forma mais rápida de enviar uma mensagem via correio, antigamente. Fonte: <https://www.techtudo.com.br/listas/2018/10/o-que-significa-instagram-veja-a-origem-dos-nomes-de-redes-sociais.ghtml>

³ O adjetivo belo vem da palavra latina “bellus”. O termo é usado para descrever o que, por sua aparência, seu estilo ou sua forma, é agradável ao ouvido, visão ou espírito. Fonte: <https://conceito.de/belo>

fake / É enganação, paga de gatinha, mas né isso não” em que se sugere que o perfil da pessoa “*instagramada*” seja denunciado por levar os seus seguidores ao erro, motivados por uma falsa (*fake*) beleza.

Nesse sentido, o postulado teórico de que a estrutura gramatical é maleável, defendido por Martelotta e Kenedy (2003) e Bybee (2010), reverbera em nossa pesquisa, uma vez que a língua passa a incorporar novos termos para atender a uma necessidade expressiva do falante. Para o linguista holandês Dik, o funcionalismo está interessado em observar como os processos de interação ocorrem e se são bem sucedidos. Se a comunicação ocorre de forma efetiva, é válido os meios pelos quais os falantes se valem para o fim pretendido.

A língua tem a função de comunicar, se há êxito durante o processo, cumpre-se o seu papel fundamental. De um modo geral, quando se criam novos termos na língua, esses estão relacionados com algum outro termo já existente, ou seja, é uma extensão do que já existe na língua, porém, os termos existentes ficaram opacos (CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003). Nesse sentido, os termos já existentes tendem a ficar desgastados, por esse motivo, criam-se novos termos que consigam compreender o que se pretende comunicar, ou seja, não é algo arbitrário. A esse fenômeno, de acordo com Ullmann (1977), dá-se o nome de motivação semântica.

Dado 02 - Block

(...) E se você topa hoje virar minha vaqueira
 Me apresenta pro seu pai
 E deixa de besteira
 Mete um block nele, dá um fora nele
 Vai expulsando ele logo do coração (...)

O dado analisado é uma canção que se enquadra no estilo *pisero*, intitulada “Mete Um Block Nele”, composta e interpretada pelo cantor e compositor nordestino João Gomes. No trecho selecionado para análise, destacamos a palavra *block*. A palavra destacada é oriunda do idioma inglês e, de acordo com o dicionário Michaelis, esse verbete, quando exercendo a função sintática de verbo transitivo e intransitivo, dentre algumas significações temos: impedir a passagem, encher, entupir, bloquear, obstruir, parar, paralisar.

Delimitados algumas significações, vejamos as que podem ser relacionadas com o contexto da canção. Do ponto de vista semântico, as palavras que mais se identificam com o contexto são: bloquear, impedir a passagem, obstruir, parar. Diante disso

decidimos utilizar o significado bloquear, por apresentar uma estrutura mórfica e fonética semelhantes ao termo analisado, em consonância com o que diz Sandmann (1992), na expressão latina *Verba sequuntur rem*, ou seja, as palavras seguem a coisa.

O termo analisado é bastante utilizado nas plataformas digitais, tais como o WhatsApp, Instagram, Twitter, entre outros. O termo bloquear nas redes sociais significa impedir que outrem consiga entrar em contato conosco. Essa é uma opção disponível nesses meios de comunicação pois impede o estabelecimento de contato entre os participantes da interação.

A palavra bloquear já faz parte do léxico do português brasileiro, no entanto, o termo *block* é utilizado com a mesma semântica, embora morfologicamente diferente. Oliveira, 2020 chama esse movimento linguístico de reciclagem. A autora diz que com o passar do tempo os constantes usos de determinados termos os desgastam, de modo a não conseguir significar as intenções do falante e por esse motivo criam-se novos termos, importam-se palavras, agregam novos significados às palavras já existentes.

No trecho destacado da canção, o termo *block* pode ser compreendido tanto do ponto de vista de bloquear, ou seja, impedir que o personagem implícito possa manter contato com a moça do enredo, colocando, portanto, um fim à relação com esse personagem, “expulsando-o de seu coração” e iniciar um novo relacionamento com o próprio rapaz que a propõe tal alternativa, tornando-se a sua “vaqueira”.

Apoiados na teoria de que a língua é maleável (MARTELOTTA; KENEDY, 2003; BYBEE, 2010), e que os falantes tem necessidades expressivas (ROSÁRIO, 2015; GIVÓN, 1995), em alguns casos, os usuários da língua recorrem ao estrangeirismo por meio dos empréstimos linguísticos para dar significado às suas intenções. Para Alves (2004), o português do Brasil tem aumentado o léxico por meio de empréstimos de outras línguas. As importações léxicas provindas do idioma inglês acentuaram-se a partir dos séculos XIX e XX, destacando-se os itens relativos à moda, comércio, esporte, cinema, tecnologia e informática (ALMEIDA, 2001).

É pertinente fazer uma distinção, do ponto de vista teórico, do que é *estrangeirismo* e *empréstimo linguístico*. O vocábulo importado é considerado *estrangeirismo* quando esse ainda não foi naturalizado; após a assimilação pela língua, constitui-se *empréstimo* (CAMPOS, 1986; JESUS, 2012; GUILBERT, 1975; LABATE, 2008). Há ainda os casos em que os empréstimos linguísticos sofrem o aportuguesamento, que ocorre quando a palavra importada, assume características morfossintáticas do português brasileiro (CAMPOS, 1986).

Por que afirmamos que há empréstimos linguísticos que são aportuguesados? Porque há caso de empréstimos que são aceitos pela língua, porém, não sofrem alterações morfológicas, no máximo alterações fonológicas, podemos citar como exemplos as palavras *apartheid*, *impeachment*, *réveillon*. Esses são alguns exemplos de palavras importadas que mantiveram suas estruturas mórnicas inalteradas (VALADARES, 2013)

É possível que o compositor da música analisada tenha optado por utilizar o termo *block* em sua forma original do idioma natural por motivos fonológicos e pragmáticos (ALMEIDA, 2001), uma vez que a rima fica mais acessível e ainda se vale de uma expressão comumente utilizada nas redes sociais (mete(r) um *block*), tendo em vista que o compositor – João Gomes – tem apenas 20 anos de idade, ou seja, é pertencente à geração Z⁴, geração essa que é mais imersa nas novas tecnologias.

Esse dado pode corroborar para a utilização do termo analisado, uma vez que as mídias sociais são ferramentas importantíssimas para a divulgação de trabalhos de diversas naturezas, dentre eles a música. Desse modo, os itens lexicais selecionados para compor as letras das músicas mais atuais, escritas por jovens compositores, tendem a abranger as novas tecnologias para adaptar a linguagem ao público ao qual ela será veiculada.

Dado 03 - Shipar

Minhas fotos no Insta você curtiu
 Na sexta, na festa, eu te vi e você sorriu
 Primeiro beijo e andar de mãos dadas
 Será que um dia isso vai rolar?
 Só falta a gente então fechar
 Tá esperando o quê?
 Eu tenho que falar
 Eu shippo, eu shippo
 Eu e você
 Eu shippo, eu shippo
 Eu e você (...)

O terceiro dado, em análise, foi extraído da canção “Eu Shippo”, interpretada pelo grupo BFF Girls. No trecho destacado, temos a presença da palavra “*shippo*”, que será nosso objeto de análise. O termo *shippo* é uma derivação de *shipar* (ou *shippar*), que deriva de *ship*, que por sua vez deriva da palavra inglesa *relationship*, que, em linhas gerais, significa relacionamento.

⁴ Geração Z corresponde os nascidos entre os anos de 1995 e 2015. São indivíduos que foram expostos às novas tecnologias enquanto ainda crianças. Confira mais em: <https://ampliar.org.br/geracao-x-y-z-e-millennials-quem-sao-em-qual-voce-se-encaixa/>

Embora a palavra *ship*, de acordo com o dicionário *on-line* Cambridge, signifique navio ou barco, essa ainda mantém vínculo semântico com a palavra da qual foi desmembrada (*relationship*), ou seja, o termo *ship* ainda carrega o significado de relacionamento, tal como sugere o dado 3.

No contexto das interações através dos meios digitais, o termo se refere a algo relacionado a uma possível formação de casal, sejam eles reais ou fictícios. Posteriormente, o termo em destaque sofre o aportuguesamento, ganhando a terminação -ar (mais comum nesse fenômeno), tornando-se um verbo e conseqüentemente podendo ser conjugado de acordo com as intenções comunicativas do falante (ASSIRATI, 1998 *apud* (VALADARES, 2013).

Tendo como base pesquisas realizadas em sites especializados em tecnologia, cultura e curiosidades, o radical do termo em análise (*ship*) ganhou força a partir do ano 2000, com o advento da internet, embora esse movimento de torcer pela formação de casais ficcionais pelos fãs tenha ganhado força na década de 1970. Esse movimento ficou conhecido como *fan fiction* ou simplesmente *fanfic*. É bastante comum vermos os internautas *shiparem* uma dupla a fim de que esses formem um casal. Também é comum os fãs realizarem a junção dos nomes dos sujeitos *shippados* e criarem um novo nome, como por exemplo: Bruna Marquezine e Neymar que se torna Brumar; Brad Pitt e Angelina Jolie que se torna Brangelina; entre outros⁵.

Novamente nos deparamos com uma importação linguística – um anglicismo, que no primeiro momento trata-se de um estrangeirismo, logo se torna um empréstimo e por conseguinte é aportuguesada (VILELA, 1995). As importações linguísticas são causadas pela necessidade expressiva dos falantes (GIVÓN, 1995). Essa apropriação de termos estrangeiros, de um modo geral, se dá por influências culturais, políticas e geográficas⁶ (ALMEIDA, 2001; RODRIGUES, 1992; AUBERT, 2003).

Dado 04 - Flopar

Todo mundo vai achar isso tão cringe
 Todo mundo vai falar isso não existe
 Pode até me cancelar
 Todos vão me stalkear
 Nosso amor não vai flopar

⁵ Confira mais *ships* em: <https://www.bol.uol.com.br/listas/eu-shippo-veja-11-nomes-de-casais-famosos-que-viraram-hashtag.htm>

⁶ Diz-se geográfica quando comunidades de fala distintas são próximas e de certo modo uma influencia a outra. Podemos citar o caso Venezuela e Brasil que fazem fronteira, entre outros países.

O quarto dado que trouxemos para análise, foi retirado da canção “Não Vai Flopar”, interpretada por Wyron Roberth. O termo é mais uma importação anglo-americana e significa falhar, fracassar, não obter o sucesso esperado, entre outros. Como é possível observar, o termo já foi aceito pela língua portuguesa e já virou verbo, novamente da primeira conjugação (-ar). Os significados do termo em questão já se encontram disponíveis em diversos dicionários da língua portuguesa, ao contrário do termo analisado no dado 3, que ainda não foi assimilado.

O termo *flopar* é bastante utilizado nos meios digitais, em especial, nas redes sociais. Como dito anteriormente, um dos seus significados é fracassar. Esse termo comumente aparece em situações em que não se obtém o resultado esperado, por exemplo, quando alguém faz uma publicação, posta uma foto e essa não obtém muita interação, engajamento por parte dos seus seguidores - ou amigos, a depender da rede social. Diz-se que *flopou*. Também é comum encontrar postagens nas redes sociais em que o usuário, ou seja, quem fez a postagem, dizer que se *flopar* a apagará e fingirá que nunca a fez.

É considerável destacar que *flopar* é relativo, pois o que pode ser considerado *flop* para um sujeito pode não ser para outro. A depender das intenções do autor do conteúdo, o quanto houve de interação por parte do público pode ser considerado um fracasso ou um sucesso. Como dito anteriormente, o termo é bastante utilizado nos meios digitais e já migrou para a linguagem cotidiana.

No trecho selecionado para análise também encontramos outros termos em uso no português. Alguns novos e importados, outros que já fazem parte do léxico do português, que, no entanto, receberam novos significados. É o que se chama de ressemantização, que iremos tratar mais afundo mais adiante.

Temos, portanto, no primeiro verso a palavra *cringe*, que em tradução livre significa algo como passar vergonha ou vergonha alheia. Essa “vergonha” está alinhada com a cultura da geração Z. O que para gerações anteriores é normal e corriqueiro, para outras pode parecer estranho e ultrapassado e motivo de vergonha. Podemos citar como exemplos: mandar cartas de amor, fazer serenata, ouvir artista que não da atualidade, assistir jornal, entre outros.

Fazendo esse paralelo entre a variação linguística, podemos comparar o termo *cringe* com outros que possuem carga semântica semelhante, porém que são ou eram utilizados por indivíduos pertencentes a outras gerações. Temos por exemplo as seguintes expressões: pagar mico, o (u) ó do borogodó ou simplesmente “u ó!”.

No terceiro verso do dado 4 (Pode até me cancelar), destacamos a palavra *cancelar*. Esse verbete já pertence ao português do Brasil, no entanto, no contexto das redes sociais, esse termo sofre o que chamamos de ressemantização, mencionado anteriormente. Ressemantizar é o ato ou efeito de atribuir ou dar novo significado a algo. Portanto, o termo sobre o qual iremos nos debruçar, ganhou novos significados com o passar do tempo.

Cancelar, de modo geral, significa tornar algo sem efeito, nulo; suspender a realização, descontinuar. Na linguagem da internet, ou seja, nas redes sociais, o cancelamento de alguém, geralmente uma figura pública, um influenciador digital, um artista, entre outros, ocorre em forma de boicote, *unfollows*, comentários muitas vezes ofensivos em perfis, ataques *haters*, entre outras formas de os internautas manifestarem sua insatisfação com o indivíduo vítima do cancelamento digital.

Mas o que leva alguém a ser cancelado? Em linhas gerais, a cultura do cancelamento nas redes sociais ocorre quando uma figura pública manifesta um posicionamento controverso sobre determinado assunto. Esse posicionamento controverso pode ferir um ou mais grupos sociais. Dessa feita, as pessoas que se sentem ofendidas e simpatizantes à causa utilizam seus perfis nas redes sociais para manifestarem suas insatisfações com a pessoa que as ofendeu de alguma forma.

Ainda no dado 4, no quarto verso, temos a palavra *stalkear* que deriva do termo em inglês *stalker*, que em tradução livre significa perseguidor, observador. O termo faz referência a alguém que acompanha a vida de outra pessoa por meio das redes sociais. Embora esse termo possa remeter a algo negativo, como por exemplo algum maníaco que se interessa excessivamente pela vida de alguém, seja ela famosa ou não, há também pessoas que apenas desejam saber mais sobre a vida, a rotina de alguma pessoa que esse seguidor se interessa, seja por admiração ou curiosidade, sem desejar cometer crime algum contra o stalkeado.

Desse modo há pessoas que ganham a vida compartilhando o seu dia a dia com seus seguidores. Isso gera engajamento e as interações podem render ao perfil da pessoa que compartilha sua vida nas redes sociais parcerias publicitárias monetização das suas páginas na internet, tornando essa atividade uma fonte de renda, muitas das vezes a única.

O quarto dado analisado nos mostrou uma grande variedade de termos que são comumente utilizados nas redes sociais e que foram recrutados para comporem letras de canções nacionais. Constata-se mais uma vez que os compositores estão acompanhando

os avanços tecnológicos e moldando a língua de acordo com suas necessidades expressivas.

6. Considerações finais

Este trabalho buscou mostrar por meio da análise de algumas composições musicais como a língua é moldada de acordo com as necessidades dos falantes e como essas mudanças são absorvidas pela música, esse que é um gênero discursivo que se apresenta como um importante objeto de manifestação da cultura e do pensamento humanos.

Os dados trazidos para análise representam apenas uma minúscula parcela das inúmeras outras composições musicais brasileiras que seguem o caminho da variação linguística com ênfase aos meios digitais.

Esta pesquisa não exaure os inúmeros dados correlatos disponíveis para análise, tal como os que ainda estão por vir para enriquecer o léxico da língua portuguesa e se tornarem objetos de estudos linguísticos. Desse modo, esperamos que esta pesquisa possa colaborar com os estudos da linguística funcional que também seja de alguma forma uma inspiração para novas pesquisas nessa área.

Referências

- ALMEIDA, J. M. P. D. **A Transferência Linguística e a Tradução: Barreira à tradução ou eficaz solução comunicativa(?)**. Universidade do Porto. Porto. 2001.
- ALVES, I. M. et al. **Estrangeirismos no português brasileiro: do mito à realidade**. São Paulo. 2004.
- AUBERT, F. H. **As variedades de empréstimos**. USP. São Paulo, p. 27-42. 2003.
- BASILIO, M. **Teoria Lexical**. São Paulo: Ática, 2004.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Tradução de Judith Chambliss Hoffnagel e Ana Regina Vieira. 2. ed. Recife: EDUFCEG, 2020.
- CAMPOS, G. **O que é tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- COSTA, A. R. D. **Gêneros e tipos textuais: afinal de contas, do que se trata?** [S.l.], p. 96-114. 2011.
- CUNHA, M. A. F. D.; OLIVEIRA, M. R. D.; MARTELOTTA, M. E. **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GANTZEL, R. D. R. R. **A COMUNICAÇÃO E A MÚSICA NO ENSINO - APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA**. Curitiba. 2014.
- GIL, A. C. **como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª. ed. São Paulo: atlas, 2002.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTINS, A. P. P. **Funcionalismo linguístico: um breve percurso histórico da Europa**. [S.l.]. 2009.

- NEVES, M. H. D. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES, M. H. D. M. **Gramática de Usos do Português**. 2ª. ed. São Paulo: Unesp, 2011.
- OLIVEIRA, M. R. D. **Do corpo para a mente: o caminho do concreto ao abstrato na linguagem**. [S.l.]. 2020.
- RODRIGUES, C. M. X. **Empréstimos, Estrangeirismos e Suas Medidas**. São Paulo, p. 99-109. 1992.
- SANDMANN, A. J. **Morfologia Lexical**. São Paulo: Contexto, 1992.
- VALADARES, F. B. **Uso de estrangeirismos no português brasileiro: variação e mudança linguística**. PUC. São Paulo. 2013.